



POVO ALGARVIO

Director, Editor e Proprietário:
Manuel Virginio Pires

SEMANÁRIO REGIONALISTA

Redacção e Administração — Rua Dr. Parreira, 13 — Telefone 127 — TAVIRA — Composição Impressão — Tipografia «Povo Algarvio» Telef. 266 — TAVIRA

Biblioteca Nacional
Serviço de Depósito Legal
LISBOA - 2



As entidades oficiais à saída dos Paços do Concelho
(FOTO ANDRADE)

COM GRANDE BRILHANTISMO DECORRERAM AS CERIMÓNIAS DO «DIA DA UNIDADE» CELEBRADAS NO C. I. S. M. I.

No passado domingo tiveram lugar, nesta cidade, as comemorações do «Dia da Unidade», no Centro de Instrução de Sargentos Milicianos de Infantaria, com a presença dos srs. General Costa Lopes, Brigadeiro Eduardo Santos, antigo Comandante do CISM; Coronel Remígio, 2.º Comandante da 3.ª Região Militar; Coronel Moura Segurado, Chefe do Distrito de Recrutamento n.º 4; coronel Junqueira Reis, Co-

mandante do R. I. 4; Dr. Jorge Correia, Presidente da Câmara Municipal de Tavira; Major José de Castro Sousa, Director do Centro, oficialidade e muitas entidades locais e vários convidados.

As cerimónias, iniciaram-se com uma missa na parada do quartel da Atalaia celebrada pelo Reverendo José Guerreiro, Capelão Chefe da 3.ª Região Militar, acolitado pelo Reverendo Araujo, capelão do CISM, a que assistiu toda a formatura. Seguiu-se um vibrante discurso do Director do Centro, sobre o significado das comemorações.

Procedeu-se depois à inauguração das Salas de Oficiais e Sargentos, que foram completamente remodeladas.

Seguidamente o Batalhão dos alunos, sob o comando do sr.

MARINHA MERCANTE

A maior unidade da marinha mercante portuguesa, o navio-tanque «Jeci» construído em estaleiros nipónicos, recentemente chegado ao nosso País, acaba de ser visitado pelo Chefe do Estado.

Acompanharam o Supremo Magistrado da Nação, o sr. Ministro da Marinha e os srs. Secretários de Estado do Comércio e da Indústria e Subse-

tário de Estado do Orçamento, que foram aguardados, a bordo do petroleiro, pelo Conselho

(Continua na 2.ª página)

A «CONFIDENTE»

HOMENAGEOU

JOÃO VIEGAS FAÍSCA

«A Confidente» prestou no passado 25 de Agosto, homenagem ao seu chefe de serviços da Secção de Hipotecas, sr. João Viegas Faísca, nosso estimado compatriota e membro directivo da Casa do Algarve.

O banquete realizou-se no restaurante «Folclores», notando-se a pre-

(Continua na 3.ª página)

MORREU

O DR. AMADEU FERREIRA DE ALMEIDA

Faleceu em Lisboa, onde há anos residia, o sr. Dr. Amadeu Ferreira de Almeida Carvalho, nosso o Ministro plenipotenciário, aposentado, autor de diversos trabalhos literários, conferencista de mérito e dedicado investigador de arte.

Colaborador quase assíduo do nosso prezado colega «Correio do Sul», de Faro.

Há anos pronunciou na sala

(Continua na 4.ª página)

Reunião do Curso Teológico do Seminário de Braga

1940-1946

Para comemorar o XX ano de sacerdócio, reuniram-se em Sagres, os alunos do Curso Teológico do Seminário de Braga 1940-1946.

As 11 horas foi celebrada pelo rev. sr. cónego pároco da Sé de Braga Manuel de Oliveira Veloso, Missa por alma dos discípulos e superiores falecidos, tendo pronunciado uma brilhante homilia sobre o acto.

Em seguida foi servido um banquete no Hotel da Baleeira.

Aos brindes falaram os srs. cónego de Oliveira Veloso, padre Alberto Rocha, prior de Barcelos, dr. António Celorico Drag, como discípulo honorário do curso e rev.º Joaquim Araujo, prior das freguesias de Conceição e Cacula, como representante no Algarve do mesmo curso e organizador da reunião.



Inauguração da Sala do Soldado no momento em que falava o sr. Major Castro Sousa
(FOTO ANDRADE)

Major Bernardino dos Santos, desfilou garbosamente, pelas

(Continua na 2.ª página)

PRIMEIRAS IMPRESSÕES

IX — PARIS, várias cidades

As primeiras impressões de quinze dias de visita, mesmo intensiva, Paris surge-nos como uma cidade monolítica,

tamente, «rive droite» e «rive gauche», como lhe chamam os parisienses. Aquela, mais rica de monumentos e de história

(Continua na 2.ª página)

POR
MANUEL RIO

por toda a parte igual, não obstante sua grande área e seus milhões de habitantes. Como se fora uma pequena cidade de província. Logo depois, começa-se a verificar que existem duas cidades, uma da margem direita, outra da margem esquerda do Sena. Sucin-

DR. FRANCISCO VIEIRA MACHADO

A fim de tratar de assuntos que se prendem com as novas instalações do Banco Nacional Ultramarino, deslocou-se no passado dia 12 do corrente à nossa cidade o sr. dr. Francisco Vieira Machado, digno director daquele Banco.

PINTOR

ARMINDO TEIXEIRA LOPES

Esteve alguns dias nesta cidade onde pintou diversos aspectos da cidade.

O artista já há anos que é um apaixonado por Tavira e sempre que pode dá aqui um salto para apreciar e desenhar os seus mais belos recantos. Em 10 dias de permanência na cidade pintou 33 quadros sem quaisquer fins comerciais.

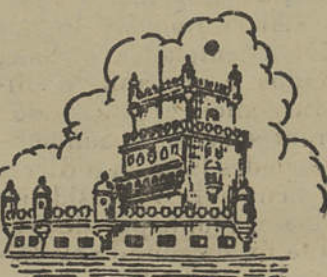
Esses quadros tarão parte do seu arquivo. Ainda tivemos o prazer de ver o último que trazia desenhado na pasta a tinta da china — o conjunto das torres de Santa Maria e do relógio.

É pai também dos conhecidos artistas Virgílio Teixeira Lopes.

(Continua na 4.ª página)

Crónica de LISBOA...

por: LIBERTO CONCEIÇÃO



Carta da Madeira



Na hora conturbada em que vivemos quando o Mundo nos parece alheio das coisas do espírito, sabe bem receberem-se cartas como aquelas que o correio agora nos fez chegar às mãos, vindas lá dessa distante Ilha da Madeira, uma das pérolas que Deus pôs no Atlântico para lhe emprestar a poesia que não tinha!

De facto, quando a mocidade de hoje, perdida no turbilhão dos «Yés-Yés», nos parece incapaz de se preocupar com o espírito, abcecada, como está, pelo materialismo agitado da hora que vive!... Quando não acreditamos que a alma desses moços se prenda por muito tempo às recordações da sua época de rapazes...

TROVA

Andas a fingir que sim,
Mas não fazes jogo franco,
Juras que gostas de mim
Quando é das notas de banco.

V. P.

Câmara informa!

Vai ser assinado, dentro de dias, na Repartição de Finanças deste concelho, o auto de entrega da Ilha de Tavira à Câmara Municipal.

FORAM assinadas no dia 5 deste mês, as escrituras de venda de terrenos da Câmara Municipal e da Panificadora Ideal de Tavira, e do Balneário da Misericórdia de Tavira, destinados à instalação da Colónia Termal de Tavira, obra a realizar pelas Obras Sociais da Federação de Caixas de Previdência.

ENCONTRAM-SE bastante adiantados os trabalhos do caminho de ligação entre Tavira e Cachopo.

FORAM incluídas no Plano de Obras do Estado, para o ano de 1967, os trabalhos de pavimentação das seguintes artérias desta cidade, que a Câmara espera executar naquele ano: Largo de S. Brás e ruas de acesso; Rua Poeta Isidoro Pires; Rua dos Combatentes da Grande Guerra; Rua do Poço do Bispo.

ENCONTRAM-SE em execução e bastante adiantados os trabalhos das obras de reparação dos caminhos de Monte Agudo e Poço do Vale, na freguesia de Santo Estêvão.

ENCONTRA-SE também bastante adiantada a obra de abastecimento de água às povoações de Concção e Cabanas, que a Câmara espera inaugurar brevemente.

ENCONTRA-SE concluída a obra de reparação do caminho de Bernardinho — 2.ª fase.

TAMBÉM se encontra concluída a obra de terraplanagem e uma parte de pavimentação a macadame do caminho de Conceição à Mata — 1.ª fase — tendo a Câmara pedido a Participação urgente da 2.ª fase, incluindo o que falta do macadame e o revestimento betuminoso.

PRIMEIRAS IMPRESSÕES

(Continuação da 1.ª página)

e na verdade habitada por gentes «diferentes». Quatro grandes estações de caminho de ferro, maior quilometragem de «metro», as célebres praças da Bastilha, de Vendôme, Concórdia, da Bolsa, da Trindade, de Santo Agostinho, da Madalena, da Estrela. Os grandes armazéns do Louvre, Samaritaine, La Fayette. A Conciergerie, Palácio e Museu do Louvre, Tuilherias, Palais Royal, o Eliseu, a Ópera, a Biblioteca Nacional, o Palácio das Exposições. Os melhores cinemas e teatros. Os Campos Elíseos, Palácio Chaillot, o Sacré Coeur, Montmartre. Os grandes boulevards e as elegantes e cosmopolitas ruas de Rivoli e Saint-Honoré.

Os estabelecimentos mais aristocráticos. A alta moda. A maioria dos Ministérios e das Embaixadas. Sede de reis, imperadores e presidentes.

A margem esquerda, só mais tarde e lentamente se começou a desenvolver, muito embora de início e conjuntamente com a ilha de S. Luís, haja tido a preferência dos romanos de «Lulécia», seu primeiro nome. Menos monumental, menos histórica, menos artística, nitidamente mais pobre, parece no entanto haver tido sempre mais espírito. Preferiram na Rousseau, Voltaire, Verlaine, Rodin, Pascal, Oscar Wilde, Wagner, Baudelaire e muitas outras celebridades.

Não muito distante da velha igreja, outrora célebre, rica e cobçada Abadia de Saint-Germain-des-Prés, fundou o rei S. Luís, a Sorbonne. A Sorbonne, com muitos outros estabelecimentos oficiais e particulares de ensino e investigação, enche e compendia a margem esquerda. O que gera, naturalmente, um outro ambiente. Sim «rive gauche», não obstante possuir o belo palácio e jardins do Luxemburgo, Saint-Sulpice, o Panteão, os Inválidos, a torre Eiffel, a Assembleia Nacional, é sobretudo uma cidade de estudantes, de cientistas, de filósofos, de livreiros, de escritores, de homens e gentes que vivem para o espírito ou do espírito.

Ali sediam o Instituto Pasteur, o Observatório, o Instituto de França, o Centro de Psiquiatria e outros. Cidade de estudantes e investigadores, onde tudo se estuda, tudo se pensa, tudo se escreve. Cidade de mil hotéis e restaurantes, cafés, esplanadas.

Forçosamente, de boémia. Por consequência também, de snobismo. Frequentar suas caves, não dá ciência, mas dá um certo prestígio. É chique, mas menos difícil de penetrar que nos salões literários, algo numerosos como as escolas, onde damas ricas e damas aristocráticas procuram a eternidade, recebendo os célebres da hora que passa. Evidentemente, (e por isso ninguém as leva ao Panteão!) não fazem, nem descobrem nem muito menos ajudam o célebre de amanhã. Seria menos brilhante e mais dispendioso... Além disso, oferecer bons banquetes, a Balzac e Vitor Hugos desconhecidos, seria uma virtude mas não teria «classe», não seria «rafinné».

Mas, continuando a viver-se mais umas semanas nestas duas margens, duas cidades, neste Paris, acaba de verificar-se que ela é como a luz, branca na aparência, de várias cores como o espectro solar ou o arco-íris, na realidade. Vamos achar outras cidades não menos características e diferentes, algumas famosas até. E também que Paris é a cidade menos francesa da Gália com os milhares e milhares de estrangeiros que aí se roçam uns meses, que aí ficam anos, que aí cavam a sepultura depois de se reproduzirem. Para já se não falar nos montes de turistas, que todos os dias, vindos de

todas as partes, aí sacodem os sapatos, apressados.

Essa continua passagem de milhões de seres (milhões, juntando vários dias) estranhos à Paris que fica, milhões que incessantemente se renovam, marcaram, sem dúvida, o parisiense. Dum gaulês civilizado, mas com o seu quê de bárbaro ainda, fizeram um habitante frio, distante, indiferente, cínico e não raramente agressivo.

Aliás, alguns jornais têm já versado o assunto, pedindo aos franceses e mais particularmente aos de Paris, que se lembrem que os estrangeiros lhes trazem mais do que lhes levam. E que levam eles? O que comem? O que bebem? Um frasco de perfume? Um bronze de Napoleão? Na verdade, os parisienses devem convencer-se de que são «escravos» de todas essas multidões, que diariamente chegam e partem. Que vivem para os servir, servindo-se aliás. No fundo, que dependem desses estranhos, nas suas actividades comerciais, pois não resta dúvida a ninguém que se o movimento parasse, centenas de casas teriam de fechar. No entanto, também eles contribuem, tantos são, para diversificar e colorir a grande capital.

E temos então a cidade histórica do centro, com seu comércio de luxo, feito para servir os que buscam a glória de Paris. A cidade das boémias e dos vícios, dos cabarets, de todos os divertimentos, aos pés do Sacré Coeur, numa área que se estende desde a Ópera até à Praça da República. A cidade dos artistas, em Montmartre. A cidade das indústrias, perto das gares de Este e do Norte. A cidade escolar da Sorbonne. A cidade do snobismo de Saint-Germain des Prés. A cidade dos quartéis e das evocações militares, na Zona dos Inválidos. A cidade da religião, no centro de Saint-Sulpice. A cidade residencial de Passy. As pequenas cidades dos subúrbios, onde se abrigam diferentes comunidades de funcionários, empregados de comércio e operários de toda a França e da Europa do Sul.

Na «rive droite», zonas dos Campos Elíseos, Ópera e Saint-Honoré, pode-se saborear, entre outras coisas, a estupidez universal em todo o seu esplendor. Será que ela tem esplendor?

As caras mais exóticas e pretenciosas do mundo, ares de plena auto-suficiência, importâncias subjectivas difíceis de medir. O exotismo da moda e da palavra. Do gesto e da atitude. Gentes que transmitem a sua «mensagem»: — «quem julga você que eu sou? Eu sou uma pessoa muito importante! Tão importante, que vim a Paris, mostrar-me!» E o curioso é que pensando e agindo de forma igual, parecem detestarem-se mutuamente, como se tratassem de concorrentes a um único prémio. Gentes que se não olham, que se não tratam, que se não encontram. Que não vieram para ver mas para serem vistas. O que resulta num passeio de surdos, de indiferentes, de inimigos. Eles e elas. Actores que ninguém escuta nem aplaude, exibindo a última expressão, a última moda, da estupidez universal. Elas e eles.

Na outra, na «rive gauche», quase tudo é «gauche». Tudo esquerdo. Tudo extremista. Onde tudo se permite. Já não é a moda, nem a importância que se mostra. São as ideias. São os vagabundos. São as extravagâncias de quem não tem ideias. Partidários dos extremos. Crentes apaixonados e ateus ferozes. Revolucionários e conservadores. E tudo quanto é possível imaginar em cores, em traços, em atitudes, em carnaval, em originalidades, verdadeiras ou fingidas. Centro de escândalo, que já não escanda-

Marinha Mercante

(Continuação da 1.ª página)

de Administração da empresa proprietária — a Soponata — vindo-se entre os numerosos convidados os senhores Embaixadores do Japão em Lisboa e de Portugal em Tóquio.

Após demorada visita ao navio-tanque, efectuou-se, na sala de jantar da oficialidade, uma recepção em honra do senhor Presidente da República, durante a qual, através dos vários oradores que se fizeram escutar, foi posta em relevo a acção da marinha mercante na paz e na guerra, e o progresso verificado na nossa frota petroléira nos últimos vinte anos.

Coincidiu a criação da frota petroléira portuguesa, com o nascimento da Soponata, sociedade que através do seu plano de investimentos prevê a construção de uma unidade de dois em dois anos, de acordo com as necessidades de abastecimento nacional e as exigências da técnica moderna.

A importância de uma boa frota de navios-tanques ficou amplamente demonstrada desde a crise de transportes resultante dos incidentes no Canal do Suez; e o que representam os combustíveis líquidos na vida hodierna de um povo pôde ser recentemente verificado na Rodésia, perante as medidas de repressão político-económicas impostas pela Inglaterra.

Ao deflagrar a segunda guerra mundial, Portugal não possuía um único navio-tanque. O Chefe do Estado, nas palavras que proferiu a bordo do petroleiro «Jeci», relembrou-o ao País, ao mesmo tempo que pôs em evidência as dificuldades que tivemos que defrontar perante a carência de unidades navais deste tipo, tanto na marinha mercante como na marinha de guerra. Por isso, como

(Continua na 3.ª página)

«Dia da Unidade»

(Continuação da 1.ª página)

principais ruas da cidade, prestado continência às individualidades, que se encontravam presentes numa tribuna provisória, instalada no passeio, ao princípio da Rua da Liberdade.

No salão nobre da Câmara Municipal, teve lugar uma interessante exposição, sobre o Ultramar Português, a qual se tem mantido aberta ao público, tendo ali usado da palavra, para prestar vários esclarecimentos sobre a mesma exposição e agradecer aos oficiais e sargentos que colaboraram na sua organização e ao senhor Presidente da Câmara Municipal pela cedência das salas.

Na sala dos oficiais, do Quartel da Alameda, foi servido um aperitivo às entidades oficiais, convidados e aos antigos oficiais, sargentos e praças, que prestaram serviço na unidade.

Aos brindes falaram o Director do Centro e o Presidente da Câmara Municipal de Tavira, que foram muito aplaudidos e cumprimentados pela assistência.

Encerraram-se estas comemorações com o almoço de confraternização militar no refeitório dos instruendos a que presidiu o 2.º Comandante da 3.ª Região.

A figura do brioso e dinâmico militar que é o sr. Major José Castro Sousa, pode dizer-se que presidiu a todos os actos e dirigiu com inteligência todos os números do excelente programa apresentado.

liza ninguém. Centro de amores. De écbos. De sonhos. De frenesi. De estudo. Duas palavras o resumem, em ressonância mundial: Sorbonne e Saint-Germain-de-Prés.

Manuel Coelho da Silva Rio

Crónica de Lisboa

(Continuação da 1.ª página)

como ainda há pouco presenciámos em Albufeira, Praia que nos parece revertida com os estrangeirismos desenfreados que lá se observam, surge-nos dessa linda Madeira, uma carta que é bem um símbolo de poesia e ternura, de reconhecimento e saudade pela nossa cidade e pelo seu povo, a qual não temos o direito de esconder aos nossos leitores, especialmente à juventude de hoje, tão apegada à agitação do Século em que vivemos.

Que nos perdoe o Canha Jardim se repartimos alguns períodos da sua carta com as gentes da minha terra. Se lhe oferecemos em salva de prata os seus desabafos e as suas recordações de Tavira, para que elas saibam que nem tudo é ingratidão. Que nem todos que passam pela nossa linda cidade esquecem Tavira e os tavirenses, sabendo guardar no mais íntimo do seu coração uma impercível saudade que tem sabido resistir ao tempo e à distância!

Mas nós contamos a história:

— Um dia, já lá vão mais de 25 anos, desembarcou pela primeira vez em Tavira, um grupo de Madeirenses que ali iam cumprir as suas obrigações militares. Estamos a vê-los! Traziam no olhar, mal chegados ainda, a nostalgia da sua Madeira distante, a saudade dos familiares, das namoradas e dos amigos de quem se separavam também pela primeira vez! Tudo os apavorava! A bagagem, onde não faltavam os cachos de bananas e os ananazes teimosamente acomodados por mãos de mãe extremosa. A nova vida. A dificuldade em arranjar um quarto na cidade. O clima tórrido do nosso Algarve. O fardamento dos tempos de então, tão «elegante» nas suas botifarras, nas inestéticas grevas, no dolman de cotim do mais fino corte!

Sentimos pena deles que nos pareciam uns estranhos entre uma multidão de «continentais».

Pedimos para que ficassem juntos. Pedimos também que nos deixassem comandar a Secção formada por aqueles moços. Não dos arrependemos nunca! E se alguma vez tivesse havido da nossa parte — que não houve — uma razão de descontentamento, bastariam as cartas agora recebidas da Madeira para os compensar largamente.

Fomos profundamente amigos desses moços. Procuramos sempre amenizar as suas saudades pelos ausentes e a nostalgia da sua Ilha formosa perdida na imensidade do Oceano. Muitas vezes fingimos não ver uma ou outra lágrima teimosa que bailava nos seus olhos bondosos!

Um dia partiram! A vida dispersou aqueles jovens de 20 anos arrastando-os no seu turbilhão. Eles talvez não tivessem esquecido o Sargento que sempre os tratara mais como camaradas e irmãos, do que alicerçado nos rigores da disciplina militar.

Nós, sempre que algum motivo nos trazia à lembrança a Ilha da Madeira, nunca a víamos desligada desses moços que tivemos a honra de comandar e ensinar a amar a Pátria!

Os tempos passaram! Um pouco à sorte tentámos agora saber deles. Fomos felizes! As cartas que deles já recebemos dizem-nos da sua vida actual. Alguns dormem já o sono eterno e outros estão dispersos pelo Mundo. A uns a Deusa da fortuna bateu generosamente à porta enquanto outros, como nós, vivem a vida difícil daqueles que trabalham para assegurar o bem estar dos seus. Mas há naqueles moços de

ontem, «Senhores respeitáveis» de hoje, uma faceta que nos sensibilizou profundamente. É que eles, todos os anos, desde 1941, se juntam num almoço íntimo, revivendo, nessas horas, os momentos da sua mocidade já distante vividos na nossa Tavira. Recordando amigos, ouvindo — sempre — missa por alma dos antigos camaradas, irmanados numa amizade e numa camaradagem que bem poderiam servir de exemplo à mocidade de hoje.

Como não sentir orgulho por estes Madeirenses de quem somos tão amigos? Como não há-de a minha terra sentir alegria por ser recordada, passados tantos anos, por todos esses «rapazes(!)» que acarinhou e recebeu com fidalguia, hospitalidade e carinho?

Repartir com os tavirenses as saudades e os elogios que nos foram endereçados é um dever que o Canha Jardim, com a sua amizade, saberá perdoar.

Diz ele: — *Sim! As botas que tantos fadários me causaram. As malditas das grevas, que nos dias de calor me afligiam tanto! Mas, apesar de tudo isso, se fosse possível voltar aos 20 anos e ir de novo para Tavira com o Furiel Liberto e o saudoso 2.º Sargento França, que Deus tenha em sua guarda, eu era o primeiro a correr a apresentar-me em Tavira.*

Tavira! Tavira que nunca mais encontrei na minha vida! Tavira que marca um período inolvidável na minha existência. Tavira quem me dera ter-te aqui a 10 quilómetros para todas as tardes me enebriar com a tua beleza, invocar o teu passado, viver com a tua boa gente e relembrar os belos tempos, os tempos felizes em que me acolheste e em que graças aos teus filhos eu me tornei um homem apto a defender a minha Pátria. Tavira é um símbolo que não se apaga mais na minha vida, como o Furiel Liberto é... que não se apaga da vida dos muitos milicianos que passaram por Tavira!

Recebi por duas ou três vezes o «Povo Algarvio». Tenho gostado muito de o ler. Através dele tenho constatado que o Algarve vai progredindo. Ainda bem, pois bem merece.

O «velho» Matos, ali à beira da Igreja de S. Tiago ainda é vivo! Bem! Que Deus lhe conserve a vida «ad multos anos».

Eram assim os Milicianos há 25 anos!

S. LUIS PARQUE FARO

Hoje, Desforra de Sandokan, 12 anos.

Terça-feira, A máscara do Zorro e Balalaika, 12 anos.

Quarta-feira, O Analfabeto, com Cantinflas, 6 anos.

Quinta-feira, O juramento do Zorro e Os mistérios de Paris, 12 anos.

Sexta-feira, — Ao longo da Fronteira e Muros Negros, 17 anos.

Sábado, O comboio Fantasma e Processo Sensacional, 17 anos.

Domingo, 25, Licença para matar, 12 anos.

Arrendam-se

Duas propriedades no sítio de S. Pedro, pertencentes a Maria Isabel Palmeira, e pede-se Caseiro ou Meeiro para propriedade em S. Bárbara de Nexe. Quem pretender tratar com Rolandino Marques Palmeira, — Tavira.

